


### **SOBRE OS NOVOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO/CAPES: ENTREVISTA COM TÂNIA ARAÚJO-JORGE, COORDENADORA DA ÁREA DE ENSINO (2013-2017)**

**Dr. Tiago Emanuel Klüber**  0000-0003-0971-6016

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Dra. Tania Cremonini de Araújo-Jorge**  0000-0002-8233-5845

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**RESUMO:** Este texto é a transcrição da entrevista realizada com a professora Tânia Araújo-Jorge, ex-coordenadora da Área de Ensino da CAPES, no dia 28 de agosto de 2019, durante o período da reunião do meio termo da mesma Área, em Brasília. A entrevista foi constituída por cinco questões: 1) Qual a sua percepção sobre a política de avaliação que vinha sendo desenvolvida até agora? 2) Em relação às mudanças recentes da ficha de avaliação, como você as vê? 3) Quanto ao Qualis periódicos, qual a sua compreensão sobre os novos critérios? Quanto aos critérios anteriores, você avalia de que modo? 4) De que modo essas mudanças podem afetar os

programas de pós-graduação, os novos e os consolidados? 5) Há mais algum aspecto que queira abordar, em especial sobre a Área de Ensino? Essas questões foram tratadas livremente pela entrevistada. A riqueza da experiência de mais de duas décadas envolvida com o sistema nacional de pós-graduação lança luzes sobre as angústias e sobre possíveis caminhos a serem seguidos pela Área de Ensino e outras áreas. As reflexões, apesar de livres, esclarecem aspectos epistemológicos que demarcam a pertinência da Área de Ensino na CAPES, corroborando para que ela possa se compreender cada vez mais como inter e multidisciplinar.

**Palavras-chave:** Avaliação de sistema de pós-graduação; Avaliação Multidimensional.

### **ON THE NEW EVALUATION CRITERIA FOR POSTGRADUATE PROGRAMS / CAPES: INTERVIEW WITH TÂNIA ARAÚJO-JORGE, COORDINATOR OF THE TEACHING AREA (2013-2017)**

**ABSTRACT:** This text is the transcript of the interview conducted with teacher Tânia Araújo-Jorge, former coordinator of the CAPES Teaching Area, on August 28, 2019, during the period of the midterm meeting of the same Area, in Brasília. The interview consisted of five questions: 1) What is your perception of the evaluation policy that has been developed so far? 2) Regarding recent changes to the scorecard, how do you see them? 3) As for Qualis journals, what is your understanding of the new criteria? As for the previous criteria, how do you assess? 4) How can these changes affect graduate, new and consolidated

programs? 5) Is there any other aspect you would like to address, especially about the Teaching Area? These questions were freely addressed by the interviewee. The wealth of experience of more than two decades involved with the national graduate system sheds light on the anxieties and possible paths to be followed by the Teaching Area and other areas. The reflections, although free, clarify epistemological aspects that demarcate the relevance of the Teaching Area at CAPES, supporting it so that it can increasingly be understood as inter and multidisciplinary.

**Keywords:** Postgraduate system evaluation; Multidimensional Evaluation.



## Sobre a Entrevista

Em razão das mudanças ocorridas no sistema de avaliação da pós-graduação no quadriênio (2016-2020), tanto em função da avaliação dos periódicos quanto da chamada avaliação *multidimensional*, cogitou-se a possibilidade de entrevistar um personagem relevante neste contexto. Diante disso, dada a abertura e o aceite da professora Tânia Araújo-Jorge, que foi coordenadora da Área de Ensino entre os anos de 2013 e 2017, a entrevistamos por aproximadamente duas horas, no dia 28 de agosto de 2019.

Na instituição em que atua como docente, Instituto Osvaldo Cruz – FIOCRUZ, ajudou a criar diretamente a Pós-graduação em Biologia Celular e Molecular e a Pós-Graduação de Ensino em Biociências e Saúde, assim como a Pós-graduação em Biologia Computacional e Sistemas e a Pós-graduação em Biodiversidade, no cargo de diretora. Possui mestrado e doutorado pelo Instituto de Biofísica na UFRJ e pós-doutorado na Universidade Livre de Bruxelas da Bélgica (ULB) e no *Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale da França*, INSERM. O seu amplo reconhecimento acadêmico em âmbito institucional, na coordenação que esteve à frente, bem como sua potência intelectual e qualidade de gestão no contexto do sistema brasileiro de pós-graduação, tornam essa entrevista leitura das mais importantes para quem quiser se aprofundar nas questões da pós-graduação brasileira, *stricto sensu*.

Para fins textuais adotamos a transcrição do texto em sua riqueza de detalhes que foram propiciados pelo diálogo. O texto final foi lido e relido pelo entrevistador e entrevistada, de tal modo que estão de acordo com o conteúdo publicado. Ainda, será utilizado apenas o primeiro nome



deles, evitando repetições e textos desnecessários, bem como serão efetuadas pequenas inserções, indicadas por colchetes, notas de rodapé, correções menores, para fins de ajustar a linguagem falada à linguagem escrita, sem deformar o sentido, também foram feitas, sem prejuízos ao sentido do texto.

### Entrevista

**Tiago:** Boa tarde Tania Jorge [...]. É uma satisfação poder entrevistá-la nessa ocasião, dada a sua experiência em relação à avaliação que é feita nos programas de pós-graduação, especialmente na Área de Ensino. Gostaria, então, de entrevistá-la com cinco questões, no mínimo, porque a gente tem pouco tempo para conversar, mas se tiver mais algumas, pode ficar à vontade para arrolar. Eu gostaria, então, de saber sobre a sua percepção acerca da política de avaliação que vinha sendo desenvolvida até esse ano de 2019, mas claro, já estava em processo de mudança; gostaria que falasse um pouco para nós.

**Tania:** Boa tarde, Tiago, eu já acompanho a pós-graduação há mais três décadas e conheço bem o sistema, que passou por uma evolução muito, muito grande do processo avaliativo. A função principal da Capes é acompanhar e avaliar a pós-graduação, tanto na avaliação inicial quanto na avaliação continuada. A inicial para que os cursos entrem no sistema, e a continuada para que eles continuem ou saiam do sistema... e, para ver, também, se eles evoluíram e se atingiram um patamar de excelência. Então isso já foi feito na década de oitenta e noventa, por um sistema em que os programas recebiam avaliação em A, B e C; depois ele foi mudado para um sistema de notas de um a sete, aliás, de um a cinco, com a excelência em seis e sete. Na época em que o sistema de notas de um a cinco foi implantado também foi uma grande mudança. Por que isso foi



implantado? Porque A, B e C não discriminava tão bem o conjunto de programas que existia na época. Então cinco estratos discriminariam mais do que três estratos; e sete estratos melhor ainda. Então foi desenvolvido um sistema para a avaliação de modo a você poder discriminar melhor o que era o B; o que que era o A; o que era o C e o que não deveria estar no sistema. Então, de certa maneira, o C virou três e B virou o quatro e o A virou o cinco e, dentro do A, foram discriminados dois outros estratos que viraram o seis e o sete. Então, na prática, dos três passaram para cinco estratos e os outros dois primeiros, o um e o dois, foram estratos de desclassificação, que, não me lembro se era D, antigamente. Bom, ao fazer isso, foi implantada aquela ficha que nós tínhamos até o ano passado. Era a mesma ficha, só que ela vinha sendo aprimorada a cada ciclo de avaliação. Ela vinha sendo aprimorada e em vários anos anteriores o ciclo era trienal. Quando eu entrei para coordenação de Área, em 2013, ainda era uma avaliação trienal, então foi 2013, relativo a 2012, 2011 e 2010, e antes disso 2007, 2008 e 2009. Antes disso, 2004, 2005, 2006 e assim vai... Então a nossa Área de Ensino, que foi criada em 2000, teve sua primeira avaliação feita em 2002, 2003 e 2004, quando os programas tinham apenas um ano de início na Área. Mas alguns programas já tinham sete anos, dez anos de funcionamento em outras Áreas, então nós passamos, deixa eu pensar, por cinco avaliações na nossa Área. Nossa área é recente, contando com a Área de Ensino de Ciências e Matemática, desde 2000.

**Tiago:** Sim.

**Tania:** Então a nossa Área tem apenas cinco avaliações, quatro trienais e uma avaliação quadrienal, todas com a mesma ficha, de modo que essa ficha vem sendo usada continuamente. Ela é uma ficha de cinco quesitos e estamos muito acostumados com esses cinco quesitos: proposta, corpo docente, corpo discente, produção e impacto social. No início não tinha



impacto social. Era só proposta, corpo docente, corpo discente e produção<sup>1</sup>, sendo que a proposta praticamente não contava, porque era avaliada só na entrada dos programas, na avaliação inicial; depois ela era apenas acompanhada. Bom, então sobravam apenas três quesitos, corpo docente, corpo discente e produção. Durante quatro avaliações trienais, praticamente foi isso que se viu nos programas. Isso durante um processo em que todo o sistema cresceu e a nossa Área também cresceu. Foi ficando muito insuficiente para acompanhar um desenvolvimento que exigia mais do que uma quantificação. Todos esses grandes quesitos: corpo docente, corpo discente e produção, são, de modo geral, muito fáceis de analisar por indicadores quantitativos, quantos docentes têm, quantos colaboradores, quantos permanentes, que percentual tem, quantos discentes têm, quantos se matricularam, qual é o fluxo discente. Então é tudo quanto, quanto, quanto, quanto, quanto, quantas produções, produções com docente, produção com discente. Então, era muito quantitativo, você tinha, na realidade, uma matriz que era uma grande planilha de indicadores, como eles chamam, uma cesta de indicadores quantitativos, de mais de 60 indicadores que você poderia usar. Essa matriz existe até hoje na plataforma Sucupira, porque os dados que são registrados na plataforma Sucupira são transformados em números e podem ser transformados em indicadores. Você divide aquilo pelo total, divide aquilo pelos docentes permanentes, calcula percentuais, calcula percentis, você pode fazer aquilo tudo. Muito bem! Então, quais foram as melhorias que o processo ganhou nessas quatro avaliações trienais anteriores e na avaliação quadrienal? A qualificação. Essa foi a primeira grande melhoria. Eu sou totalmente favorável ao Qualis estratificado porque ele permitiu que você visse o

---

<sup>1</sup> Referindo-se aos quesitos da ficha de avaliação que foram expandidos por meio de itens, pesos e subpesos percentuais.



sistema como um todo, o conjunto de produções em periódicos. E eu sou favorável a todos os Qualis: periódicos, livros, eventos e produtos educacionais. Eu lutei por eles enquanto fui coordenadora de área, apesar de que nem todas as Áreas utilizam mais do que um único Qualis, o de periódicos.

**Tiago:** Aham...

**Tania:** A nossa Área também tem um Qualis periódico forte, mas estratificar o Qualis é essencial, porque as revistas são diferentes. Agora, atender à crítica da estratificação da qualidade pelo fator de impacto é importante. Eu me somo a essa crítica, porém eu acho que ela é uma tendência mundial, porque a ciência precisa de indicadores que possam ser comparáveis no mundo inteiro, a ciência não tem fronteiras, em qualquer Área. A ciência não tem fronteiras, então você precisa ter indicadores robustos. Eu não acho que o fator de impacto seja o mais robusto deles, cada vez mais os fatores de citação de artigos individuais, vão ser mais relevantes do que os fatores de citação de revistas. Eles vão ser cada vez mais computados, então você vai ter fatores H, você vai ver índices que vão revelar a produção de um determinado indivíduo, de um determinado pesquisador, de um determinado grupo, de um determinado programa, através da citação desses trabalhos pelos seus pares no seu campo científico. Isso é uma tendência internacional não adianta lutar contra.

**Tiago:** Isso significa que a tendência é não valorizar tanto o periódico, em si, mas...

**Tania:** o quanto ele impactou naquela comunidade que o leu.

**Tiago:** Focando mais no autor. É isso?

**Tânia:** Sim, focando no artigo em si...

**Tiago:** No artigo em si?

**Tânia:** No produto em si...



**Tiago:** No produto em si?

**Tânia:** Não é no autor, é no produto em si.

**Tiago:** Entendi...

**Tânia:** Porque a grande diferença da avaliação da pós-graduação, da CAPES em relação ao CNPQ, é que o CNPQ avalia o pesquisador para conceder uma bolsa de produtividade, por exemplo, ou para conceder um projeto, por exemplo. E a CAPES avalia um conjunto de pesquisadores, um programa, uma proposta feita por um coletivo de pesquisadores, então isso é muito diferente de você avaliar um pesquisador. Você aí precisa de um coletivo, de uma proposta, de uma coesão, de um balanceamento, de uma harmonia e de um trabalho que vá numa determinada direção. Se cada um puxa para uma determinada direção, você vê claramente que o programa não evolui. O programa não anda quando cada um puxa para o lado, entendeu? Então, por isso, você precisa ter a coerência das áreas de concentração, a coerência com as linhas de pesquisa, precisa ter equilíbrio nas várias linhas de pesquisa, planos. Tudo isso já estava colocado na ficha anterior. Então aos poucos, eu diria que a evolução foi: primeiro, a qualificação, através da estratificação, que começou com periódicos; depois passou para livros, ainda na época do Lívio Amaral na DAV foi criado o Qualis livros, que antes não existia. Foi criado o Qualis artístico. Não foi criado ainda o Qualis técnico. Nós criamos o Qualis educacional, mas cada Área que usava produtos técnicos terminou fazendo a avaliação dos seus produtos técnicos como queria, sem ter uma unificação de um Qualis técnico, que é uma falha ainda da CAPES. Mas eu acho que a gente ainda vai chegar lá, porque os produtos, são produtos que a sociedade consome; já os artigos não são produtos que a sociedade consome, quem consome é a própria academia. Então como a gente é muito cobrado sobre a interação com a sociedade e os produtos são uma mediação desse conhecimento



com a sociedade, será cada vez mais exigido a maior qualidade dos produtos técnicos.

Então, você tinha me perguntado em relação à política de avaliação. A qualificação foi um ponto, o segundo ponto que entrou foi o impacto social, que veio sendo incorporado pouco a pouco, e o terceiro ponto que entrou foi o planejamento e a avaliação de egressos. Então, todos os pontos estão mais diferenciados nessa nova ficha de avaliação, nessa proposta desse ano de 2019. Eu não diria que essa proposta muda radicalmente em relação à proposta anterior; ela rearranja os quesitos e os itens. Mas se você olhar uma ficha em relação a outra, são as mesmas questões. Por isso que eu acho que ela vai continuar sendo muito quantitativa, por mais que a gente não queira fazer quantitativo. E esse quantitativo não é no sentido do produtivismo, no sentido do que eu ter que produzir mais que você, ou muito mais para poder chegar mais na frente e ter uma nota maior. Eu acho que não é isso. É no sentido de que a gente só sabe contar coisas, a gente ainda não sabe fazer avaliações qualitativas. Analisar qualitativamente é difícil. É mais fácil contar produtos estratificados e saber o percentual de produtos num estrato mais ou menos qualificado, porque os estratos estão, de fato, mais e menos qualificados. Você também está dando indicação indireta de qualidade, mas você não está vendo o conteúdo daquilo. Então qual é a falha principal do processo de avaliação? Ela não diz quais foram as inovações que aconteceram, qual conhecimento foi produzido, onde está o conteúdo que foi produzido, qual foi revolucionário, inovador, novo ou qual foi simplesmente mais do mesmo, entendeu?

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Então essa falha do processo de avaliação, que já existia, vai continuar existindo enquanto a questão qualitativa não for balanceada





com a quantitativa. Porque não vai ter nunca uma avaliação semiquantitativa. Ela será quali-quanti.

**Tiago:** Sim.

**Tânia:** Então eu diria que a política de avaliação que vinha sendo desenvolvida até agora teve sucesso porque ela consolidou o processo de avaliação, consolidou o sistema de pós-graduação, que é um dos melhores do mundo. Praticamos talvez o sistema de avaliação melhor do mundo. Eu não conheço, em outros países, um sistema de avaliação tão robusto, tão volumoso e tão envolvente. Ele é feito por pares, de pares, para pares. Todo processo é feito por pares, todos os critérios definidos por pares, todas as avaliações, todas as comissões, somos nós que fazemos, não dá para reclamar, entendeu? Não dá para reclamar que o CTC fez isso ou aquilo, pois o CTC são pessoas que foram indicadas pelas Áreas ...

**Tiago:** Sim

**Tânia:** ... que por sua vez, são formadas pelos coordenadores de programas que, por sua vez, são indicados pelos docentes dos programas. Então você tem ali as Áreas, você tem os pares. Pode ter mais ou menos influência de um ou de outro? Pode. Mas são pares e são qualificados e refletem a nossa sociedade científica nas 49 Áreas. A minha experiência de viver cinco anos dentro do CTC com 49 Áreas, como dizia Lívio Amaral, de A a Z, de Administração e Artes até Zootecnia, foi uma experiência rica, muito rica mesmo. Porque eu pude ver o olhar de diferentes Áreas sobre o mesmo problema, sobre uma mesma questão: a avaliação. E você vê que são, às vezes, diametralmente opostos. E isso leva às questões que nos remetem a um problema que hoje está sendo colocado, que é bastante delicado: uma mudança complicada vai ser feita, o Qualis único. Vai ser uma mudança



importante nesse processo de agora, vamos ver como é que vai ficar. Não sei se eu respondi tua pergunta...

**Tiago:** Respondeu Tania... e você levanta uma questão importante, que é a questão da avaliação qualitativa. Me parece que, sequer o nível descritivo, que seria o nível mais básico da pesquisa qualitativa, em uma boa pesquisa qualitativa, numa tradição, vamos dizer assim, de entrada, prevê uma boa descrição da realidade que está sendo analisada, daquele contexto e... me parece que isso também está um pouco distante daquilo que se pretende, mas eu acho que é possível em alguma medida, também caminhar nessa direção né? O que você acha?

**Tania:** Eu acho que é possível caminhar nessa direção, mas se você analisar os relatórios de Área; os relatórios das últimas e da última avaliação quadrienal passaram pelo CTC. A gente teve a oportunidade de lê-los ainda em versão rascunho, e cada relatório foi avaliado por dois pareceristas. Eu avaliei dois relatórios e o meu relatório foi avaliado por outros dois e o coletivo todo recebeu os pareceres e as reconsiderações foram feitas aqui e ali e mudanças foram feitas. Então assim, os 49 relatórios passaram por avaliação, coisas foram retiradas, coisas foram inseridas. Esses relatórios tinham muito pouca descrição qualitativa da situação das Áreas. O primeiro item era estado da arte da Área, mas dificilmente era um estado da arte que tivesse uma visão crítica qualitativa da situação. É muito interessante porque, por exemplo, poucos citavam o Plano Nacional de Pós-graduação, poucos citavam o Plano Nacional de Educação, entendeu? Então você vê que de modo geral eles diziam: não...a Área é feita de tantos programas, com tanto isso, com tantos aquilo, com tantos, com tantos, então já era quantitativo entendeu? Falava um pouquinho do histórico, mas não dizia assim, para o que serve essa Área, porque ela existe e para o que existe, a missão da Área, o sentido de ter Área naquele momento, naquele contexto, naquela



conjuntura, quais são os desafios do Brasil que ela está enfrentando. Poucos relatórios falaram disso, alguns que falaram, se destacavam de uma forma muito, muito brilhante da CTC (hipótese), alguns se destacavam, se destacavam muito, outros se destacavam e, inclusive, faziam uma análise muito bem feita, mapeando situações, mapeando problemas, né...

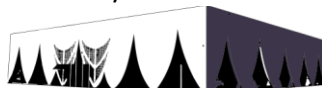
**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Mas a maioria, a grande maioria ... grande maioria assim, seguia um roteiro quantitativo, aqui na região tal, tal, tal, tal, e pronto.... Então esse foi um cuidado que eu busquei ter no nosso relatório, e que foi muito elogiado no CTC, porque ele tinha uma análise qualitativa da situação da Área, até porque a Área era recente e precisava ter essa análise, essa avaliação. Mas você tem razão que uma boa avaliação, uma boa descrição, é a primeira parte de uma análise qualitativa e na realidade a ficha de avaliação antiga e atual, permitem uma boa descrição da situação de um programa e da situação de vários programas, da situação de uma Área, da situação de subáreas dentro de uma Área, de subáreas temáticas: Ensino em Saúde, Ensino em Matemática, Ensino em Ciências, Ensino na Educação Básica, Ensino Universitário, Ensino Tecnológico. Você pode ter vários recortes dentro da nossa Área de Ensino, que podem ser vistos se você agregar os programas que têm a mesma natureza.

**Tiago:** Uhum...

**Tânia:** ... Ensino de Humanidades que é pequenininho dentro da nossa Área, mas que vai crescer. E, também, a gente até poderia fazer uma avaliação de outros ensinos que não estão na nossa Área. A gente poderia falar do Ensino de Letras, a gente poderia falar de outros, a gente poderia falar do ensino como um todo também...

**Tiago:** Sim...



**Tania:** A gente poderia ter uma visão macro do ensino. Não só a gente poderia falar, mas dialogar com a Área da Educação, com Área de Ensino da História. Por exemplo, a História e Geografia, tem uma decisão de trabalhar o ensino de História, o ensino de Geografia dentro dessas próprias Áreas. Perfeito! Não precisa estar na Área de Ensino, pode estar lá.

**Tiago:** E não impede o diálogo né...

**Tania:** Não impede o diálogo... e deve ser feito o diálogo, deve existir o diálogo. Então eu acho que a ficha é um simples instrumento de trabalho, a forma como você usa esse instrumento de trabalho é que varia. É importante que ela seja padronizada porque precisa ter um nível de padronização para analisar um sistema tão grande com cinco mil programas. Não tem como você não ter uma ficha padronizada.

**Tiago:** Perfeitamente.

**Tania:** Essa ficha agora é muito parecida com a anterior, apenas rearranjada. Eu acho que é melhor, eu acho que a nova ficha traz avanços em relação à ficha anterior. Já se tinha feito uma grande crítica de que aquela ficha já estava velha, já era a mesma há quatro trienais. Há doze anos que a gente usava a mesma ficha com pequeníssimas variações, então mudar essa ficha agora, significa dividir três grandes blocos, um bloco é o programa, outro que é a formação. Portanto, nosso egresso, que é o principal produto da pós-graduação (não é a produção acadêmica) será melhor analisado. Eu acho isso uma mudança importantíssima. E o terceiro bloco, que é o impacto social da pós-graduação, eu acho que também é uma mudança importantíssima, conceitual, da forma como a ficha se estrutura. Os elementos já estavam na velha ficha, mas você colocar o valor de um terço, um terço e um terço, para esses três blocos, é uma evolução.

**Tiago:** Sim...



**Tania:** ...muda a maneira de você ver avaliação, eu acho que é positivo. Vai incomodar, apesar de serem os mesmos itens que estavam lá e apenas foram rearranjados. De qualquer maneira é desconfortável mudar...

**Tiago:** Sim...

**Tania:**... de instrumento de avaliação num determinado ponto. É aquele freio de arrumação, que você tem que rearrumar tudo e parar para pensar bem. Então, agora mudando o ponto de vista, como é que eu estou de novo aqui nesse quesito, como é que eu estou aqui nesse outro quesito, como é que eu estou ali naquele terceiro. Se eu quiser ver a minha evolução, eu vou ter que refazer a minha avaliação de dois triênios atrás, e do último quadriênio, sobre esse novo ponto de vista. Vou ter que voltar..

**Tiago:** Sim...

**Tania:**...fazer uma avaliação retrospectiva do meu programa porque eu não vou poder comparar a ficha anterior com essa ficha agora, eu vou ter que refazer minha avaliação. Isso é positivo porque você revisita o que você fez, à luz do que você está fazendo. Isso é positivo e coloca as coisas em movimento...

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Dá trabalho, dá trabalho, é cobrança da CAPES. Não, para fazer o retrospectivo não, a cobrança da CAPES vai ser 2017, 2018, 2019 e 2020, que é o quadriênio em estudo, mas eu acho que o positivo é essa nova ficha.

**Tiago:** Olha... ouvindo você, me ocorreu o seguinte, que é uma coisa que eu sempre trago comigo que a ideia de que o produto é um intermediário. Eu sempre digo assim, o produto fala da minha pesquisa, o produto fala do que eu faço, mas ele não é o meu objetivo em si...eu sempre digo isso né...



**Tania:** não, o meu objetivo é a formação...

**Tiago:** Então...

**Tania:** o objetivo é a formação...

**Tiago:** E você pensa que é essa ficha... tem essa capacidade de produzir resultados nesse sentido. Dessa intenção de dizer: olha, o foco é o programa, o foco é o recurso humano, o foco não é o produto...

**Tania:** Ela diz isso, mas eu acho que ela ainda não consegue aferir isso, porque se você pegar aquele bloco da formação, a ficha continua olhando a formação através do produto. Ela pergunta: a tese é de qualidade? Ela não entra dentro da formação..

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** ... como é a formação desse pessoal, entendeu?

**Tiago:** Sim...

**Tania:**...do ponto de vista da estrutura do programa, a parte de disciplinas está lá, mas a gente não tem, por exemplo, nenhum acompanhamento, nem avaliação que o discente faz. Tem uma falha fenomenal nesse processo, qualquer avaliação tem que ter...

**Tiago:** a participação direta...

**Tania:** a participação do avaliado...

**Tiago:** do discente...

**Tania:** do discente...então se você tem um bloco de Formação e não captura o que o discente acha sobre essa formação, está errado, está faltando.

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Tem uma lacuna aí, entendeu...

**Tiago:** Claro...

**Tania:** Então, por exemplo, na ficha de rede, você tem isso, porque você tem um questionário para os egressos que alimenta algumas respostas da ficha de rede, na ficha atual ainda não tem isso.



**Tiago:** perfeito...

**Tania:** ... porque, mas talvez, talvez, fosse o caso de, não nessa, mas na próxima avaliação, você ter uma pergunta em que o discente avaliasse o seu curso ano a ano, em que a plataforma Sucupira não fosse respondida só pelo coordenador e pelo secretário da pós-graduação, mas que tivesse um campo de interação com o discente, com quem ele está formando, isso foi discutido no CTC, mas isso parecia uma tarefa tão distante. Essa lacuna foi apontada, porque fez-se um balanço.

**Tiago:** Sim...

**Tania:**... porque o CTC que eu participei montou a quadrienal, e fez a quadrienal. Foi assim, eu passei praticamente seis meses em Brasília. Eu e todo o CTC. Foi muito puxado, 2017 foi um ano terrível, porque foi muito trabalho, toda a preparação foi muito trabalhosa, toda a execução foi muito trabalhosa. Eles montaram restaurante lá, de tanto consultor que tinha. A análise dos pareceres e a sistematização depois dos pareceres e os relatórios sobre os pareceres de uns e dos outros. Imagine que eram mais de 5000 pareceres, entendeu?

**Tiago:** Sim...

**Tania:** ... era muita loucura, então cinco mil cursos para terem dois pareceres de cada curso, então eram 10.000 pareceres e toda a discussão daquilo tudo, era uma coisa muito gigantesca, então a primeira conclusão que se tinha era de que não podia ser mais daquele jeito, a ficha tinha que ser simplificada.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** para aquilo que fosse o essencial e o essencial é saber se o programa era bom, saber se a formação era boa, saber se ele tinha impacto, então esses três blocos já foram definidos ali. Reduzir a quantidade de indicadores quantitativos e ampliar o qualitativo, então isso também foi uma orientação do aprendizado da última quadrienal.



Não sei se essa nova orientação, de cinco produtos, vai ser suficiente para isso, mas eu acho que é uma tentativa e vamos experimentar. Não tem como saber sem experimentar, porque o sistema é muito grande,

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Vamos ver o que vai acontecer. Eu acho que tem essa lacuna muito forte de que é a formação que é o principal, não tem o input (hipótese) dos ...

**Tiago:** dos discentes...

**Tania:** ... dos discentes...

**Tiago:** ... discentes são olhados pelo olhar dos docentes e do programa...

**Tania:** ... dos docentes e do programa. E isso é uma falha.

**Tiago:** Perfeito! É... você já entrou de certa maneira nessas questões, nessa segunda questão Tania, mas eu gostaria de perguntar, assim, em relação às mudanças recentes, isso que aconteceu, teria mais alguma coisa que você gostaria de pontuar sobre elas? você já disse que as vê como positivas...e que é uma melhoria...

**Tania:** É, eu acho que tem uma mudança mais complicada aí que é o Qualis. Sobre o Qualis periódicos, eu gostei dessa proposta que foi feita de dois blocos. Um bloco de mais qualidade e outro de menos qualidade. Um bloco A e um bloco B, cada um em quatro estratos. Eu gostei de passar de sete para oito estratos. Agora gostei da ideia de cada revista ter uma única classificação, da mesma revista não ser mais A1, B1 ou B5 de acordo com a Área onde ela está. Porque uma revista não pode ser boa ou ruim de acordo com a Área em que ela está. Isso não existe em lugar nenhum do mundo. Então isso está errado, acho que vai ser melhor, ela ter uma única classificação. O grande problema é quem classifica e como classifica, aí a gente tem grande divergências, porque tem Áreas que defendem que o critério de classificação seja o mesmo. Gostei também da ideia de uma Área mãe, de uma Área responsável por classificar. Acho





que esse é um problema enorme nas revistas que são interdisciplinares, aí vai ter que realmente conversar sobre o escopo das revistas, para que os critérios das Áreas envolvidas sejam parecidos, porque se os critérios foram muito diferentes, isso é muito problemático. Então, por exemplo, a maioria das Áreas usa o fator de impacto como fator de estratificação, e as Áreas de humanidades não usam fator de impacto como estratificação, revistas interdisciplinares entre humanidade e Áreas, vão sofrer avaliações diferentes e aí você vai ter que acatar avaliação, daquela Área em que a revista é majoritária; isso vai ser impositivo. Então eu concordo com cada periódico uma classificação. Concordo com vários estratos. Concordo com a ideia de uma Área mãe, mas discordo de que você tenha que usar a mesma classificação, o mesmo critério de classificação em todas as Áreas. Mas muitas áreas acham que tem que usar o critério de classificação do fator de impacto. Muitas Áreas acham isso e vai ser muito difícil segurar isso, é muito difícil, a gente vai ter que esperar demais.

**Tiago:** Risos...

**Tania:** Risos... faz parte... não tem outro jeito...

**Tiago:** Porque permite que a Área mãe avalie, mas que ela não leve em consideração a sua gênese epistemológica, teórica. Ela vai avaliar segundo critérios impostos que vem de fora. É esse o problema que você vê?

**Tania:** Não, eu não acho que os critérios sejam impostos. Cada Área mãe vai definir os seus. Por exemplo, a coordenação do Ensino, está dentro de uma Grande Área que é extremamente quantitativa. Na realidade todas as Áreas que compõem a Grande Área e o Colégio das Exatas e Multidisciplinares utilizam fator de impacto. A única exceção é o ensino. Das duas uma: ou a gente pede para sair do colégio em que está a Interdisciplinar, e vai para o Colégio de Humanidades, ou a gente fica em



minoría absoluta na nossa Grande Área atual. Mas se for para o Colégio de Humanidades a gente perde o nosso caráter multidisciplinar, entendeu?

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** ... ou a gente convence a multidisciplinar e as exatas que é importante guardar a especificidade do ensino dentro da interdisciplinar, eu não sei como é que vai ser essa tensão ali dentro, entendeu?

**Tiago:** Uhum...

**Tania:**... porque na multidisciplinar, a Grande Área, tem a Área Interdisciplinar, que é nossa Área irmã. Nós nascemos juntas, no mesmo ano. No ano de 2000, nasceu a Área Interdisciplinar e a Área de Ensino de Ciências e Matemática. Tanto que nós fomos por muito tempo áreas isoladas, não estávamos em um colégio, nós só ganhamos um colégio das Multidisciplinares depois que foi criada a Área de Biotecnologia, a de Ciência de Materiais, a de Ciências Ambientais e a de Ciências da Computação. Além do Ensino e da Interdisciplinar. São seis áreas dentro dos multidisciplinares. Por que são multidisciplinares? Porque precisam de várias disciplinas, só isso, entendeu...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** precisam de várias disciplinas para fazer aquilo, são multidisciplinares.

**Tiago:** Sim...

**Tania:**... simples assim. Então criaram o colégio, a Grande Área Multidisciplinar, só que a própria Área Interdisciplinar funciona com subáreas como Saúde, Humanidades e Tecnológicas. Na Área de Ensino também têm Biologia, tem Saúde, tem Química, tem Física, tem Humanidades.

**Tiago:** Sim...



**Tania:** É ... Quando a gente montou o documento da Área de Ensino, diferente da Ensino de Ciência e Matemática, nós pegamos todas as referências epistemológicas da Área de Ensino de Ciências e Matemática, e toda a estrutura do documento da Área Interdisciplinar...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** a gente fez um...

**Tiago:** um mix

**Tania:** um mix, para montar um novo documento de Área e isso foi muito produtivo. Ao mesmo tempo eles usavam um Qualis muito interessante, porque eles faziam um mix também, de fator de impacto comum algoritmo de correção. Eles tinham três subáreas, como eu já disse.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Com trezentos cursos, com quatrocentos cursos, sei lá, não me lembro quantos e três subáreas era realmente uma coisa muito grande a área interdisciplinar. E qual era o Qualis deles? Era todo Qualis da CAPES só que com as revistas redistribuídas de acordo com aqueles critérios. Mas agora o que aconteceu com eles? Não são mãe de quase nenhum periódico. Ficaram com menos periódicos para classificar do que a Área de Ensino, porque as revistas não se declaram...

**Tiago:** interdisciplinares...

**Tania:** inter...não...não...A definição de Área mãe não foi pelo escopo da revista...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** foi pelo número de registros que as revistas tinham em cada Área.

**Tiago:** pessoas dos programas que publicam...

**Tania:** É... então entre as pessoas dos programas da interdisciplinar que publicam e as pessoas das disciplinares que publicam, as disciplinares ganham...então a revista da interdisciplinar vai para a disciplinar e aí se



a disciplinar estratifica de um jeito diferente da interdisciplinar, já ocorre um conflito, assim como está acontecendo com as nossas revistas. Então as nossas revistas e as revistas da Área interdisciplinar, a gente vai ter que fazer uma revolução ali dentro, para que essa questão seja resolvida de outra maneira.

**Tiago:** Entendi...

**Tania:** Isso vai ser um problema sério, mas eu acho que é um problema mais fácil de resolver se houver um entendimento entre as áreas, de que a diferença tem que ser respeitada. Nós não vivemos atualmente em uma sociedade de respeito às diferenças e por não vivermos numa sociedade de respeito às diferenças pode ser que a gente entre num processo de ...

**Tiago:** Homogeneização assim...

**Tania:** Hiperhomogeneização e, de portanto, autoritarismo quanto a determinados critérios. Então essa coisa de ser de fora para dentro que você falou, eu não sei se vai ser de fora para dentro, tudo depende da capacidade de convencimento, de diálogo. Aí que a diplomacia e a política entram...

**Tiago:** Sim...

**Tania:** ... Hoje o sistema que está funcionando na CAPES é muito diferente da minha gestão, com esse sistema do Colégios, e com os três coordenadores participando. Mesmo com quarenta e nove Áreas participando do CTC ampliado, que não existe mais, nós nunca reunimos no auditório, nós reunimos na sala do CTC, que era uma sala com cinquenta pessoas, não era uma sala com cem pessoas.

**Tiago:** Sim...

**Tania:** com duzentas pessoas... como o Marcelo Borba<sup>2</sup> falou, a reunião do Colégio de exatas e multidisciplinar, com todas as suas Áreas... e três coordenadores de todas as suas Áreas, lota o auditório da CAPES e é um

---

<sup>2</sup> Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba, coordenador da Área de Ensino (2018-2022)



plenário de Colégio. Então, em um plenário de Colégio, deve ser mais difícil de trabalhar do que um CTC ampliado de quarenta e nove Áreas. Nossa coordenação hoje, apesar de atuar com três e, três é melhor do que um, porque eu passei cinco anos..

**Tiago:** Solitária...

**Tania:** solitária...ali dentro fazia pequenos acordos, conseguia pequenos apoios, era sempre bom. Mas houve votos em que, mesmo perdendo, foi bom conseguir um terço de apoio, mas significava ter dois terços contra...

**Tiago:** Sim...

**Tania:** mas ganhar um terço é mais do que votar sozinha né...

**Tiago:** Com certeza...

**Tania:** Eu evitava e só votei sozinha na hora da defesa das fichas de progressão dos cursos. Ali algumas vezes eu votei sozinha porque era a posição da Área, e eu votei com a posição da Área.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** agora um colegiado de duzentos... de cento e cinquenta, como o Marcelo está trabalhando agora é uma maluquice, entendeu.

**Tiago:** Praticamente inviável.

**Tania:** Não sei, porque na realidade, eles levaram para esse colegiado menor uma tarefa menor, porque é a tarefa só daquelas Áreas. Nós tínhamos um colegiado menor com uma tarefa maior...

**Tiago:** Hum...

**Tania:** Porque o nosso colegiado menor dava conta de todo o sistema e agora nesse colegiado maior, dá conta de um sistema, de um terço do sistema, são três colégios.

**Tiago:** Sim

**Tania:** Então, do ponto de vista da operacionalidade, para dar parecer deve estar mais complicado agora.



**Tania:** Pois é, então, isso às vezes você faz uma boa fala e é bem entendida, às vezes você faz uma má fala (risos) e é pessimamente entendida (risos).

**Tiago:** Sim (risos),

**Tania:** Às vezes você faz a sua melhor fala e é pessimamente entendido (risos)

**Tiago:** Então, não tem...(risos).

**Tania:** Não tem jeito, é do dia a dia, agora você está com dois, eu acho que é muito melhor estar com dois, com o Maurivan e a Ivanize ali, é perfeito. Ele é da Matemática, o Maurivan é da Química, então só ali já tem dois diálogos, porque tem Química e tem Matemática dentro do conselho, entendeu, a Ivanize eu não sei qual é a formação dela, mas ela, primeiro ela é mulher.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Que tem pouco ali dentro, então pelo menos vai ser ouvida...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Segundo, ela é jovem, terceiro, ela é do Norte...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Isso é muito bom, vão ouvir também, vão ouvir nem que seja porque ela é minoria, entendeu?...

**Tiago:** Entendi...

**Tania:** É bom porque tem minoria de mulheres em todas as instâncias, nada é simples nesse contexto...

**Tiago:** Então Tânia, você também já falou sobre o Qualis, a compreensão dos critérios e... já disse também que considera eles melhores do que os anteriores, teria mais alguma coisa em relação a isso...

**Tania:** Ao Qualis não...

**Tiago:** Não?



**Tania:** Eu acho que tem esse... temor, mas acho que ele está melhor do que o anterior, apesar do temor das revistas inter-áreas.

**Tiago:** Sim...

**Tania:** que vão ter que encontrar uma forma de acomodar as tensões.

**Tiago:** E... como é que você pensa os dobramentos dessas mudanças da pós-graduação, da avaliação da pós-graduação para os programas consolidados e para os programas novos, ou [dizendo de outro modo] os [programas] novos e os consolidados?

**Tania:** Olha, todos estão de olhos arregalados, porque a conjuntura está muito difícil. Não tem recurso para pesquisa, não tem recurso para bolsa, não tem concurso, as pessoas estão se aposentando, não tem bolsa de pós-doc. Então só tem dificuldades. Nesse mar de dificuldades, sobreviver com um programa, num contexto de avaliação de qualidade, é muito importante. Então o desafio dos coordenadores do programa e do corpo docente e discente é muito grande. E qualquer mudança é, digamos, aparece, como ameaçadora, entendeu? Eu acho que aí não tem grande diferença entre o consolidado e o jovem. O jovem, entrou agora, está na chuva é para se molhar, então ele está pegando no tranco. Ele está aprendendo o que é a ficha de avaliação, o que é o quesito programa, o que que é o Qualis, o que é isso, o que é aquilo, vai entender e vai fazer o que precisa ser feito. O mais consolidado, o que interessa a ele é se manter onde está e não cair. Ninguém atualmente quer necessariamente subir, mas eu acho que tem uma tendência de todo o sistema baixar um pouco.. Ouvimos a Diretora de Avaliação falando que uma das coisas que ela viu na avaliação externa que eles contrataram, é que pareceristas internacionais acharam que têm um número muito grande de programas de excelência no Brasil, o número de programas seis e sete é muito grande, para o conjunto do sistema. Deveria ser menor, ou seja, é como se houvesse uma certa permissividade dos



processos de avaliação que estariam deixando passar muitos cursos para nota seis e sete. Certamente não é na nossa Área porque temos só seis programas notas 6 e 7 dentre cento e oitenta. Então não é na nossa Área que isso está acontecendo.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Se você analisar nas várias Áreas o percentual de notas seis e sete, é muito diferente entre as várias Áreas. A história é a seguinte: quanto mais antiga é a Área, mais programas seis e sete ela tem...

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Porque os programas são antigos, os programas evoluem e não vão ficar ali, estagnados na nota cinco, eles evoluem para o seis e para o sete. Então não é para ter uma pirâmide, só um pouquinho de seis e de sete, a pirâmide vai se deslocando, entendeu, e vai virando aquela cobra do pequeno príncipe, sabe.

**Tiago:** (risos)

**Tania:** ... ela vai ficando diferente, ela vai deixando de ser pirâmide. Eu fiz esse exercício na época, porque eu tinha que defender que a nossa Área tinha pouco e podia ter mais cursos notas 6 e 7. Nós fizemos um número de indicações para notas seis e sete que não foram todas aprovadas pelo CTC e eu usei muitos argumentos para que eles fossem aprovados. Nem todas foram, mas por outro lado, outras Áreas usaram argumentos muito fracos e aprovaram notas seis e sete. Áreas muito tradicionais.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Eu acho que tem mesmo excesso de notas seis e sete nas Áreas tradicionais, mas não nas mais recentes, que estão extremamente comedidas. Eu acho que esse freio de arrumação vai atingir a todos e, portanto, a nossa Área, os programas notas seis e sete da nossa área devem lutar para se segurar lá nos seis e sete. E acho que..





**Tiago:** Não...

**Tania:** ... nem todos vão conseguir. A mesma coisa vai acontecer com os programas notas cinco e quatro. Também nem todos vão conseguir e pode ser que a gente tenha curso três que vá ser descredenciado.

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Você ilumina um pouco melhor a cena, é momento de todos os programas, novos e consolidados, olharem os seus problemas e tentarem corrigir isso nesses dois anos porque, se não corrigir ou vai ser descredenciado ou vai entrar no processo de fusão com outros programas para ficar no sistema.

**Tiago:** Sim, e, ouvindo você, digo que a tua entrevista tem que se tornar a leitura obrigatória para coordenadores de programa de pós-graduação. É uma leitura de quem tem conhecimento e não me parece que essa tenha sido a leitura feita por um certo número de coordenadores. Eu concordo com a sua leitura porque o novo arranjo entre as variáveis que serão quantificadas e avaliadas qualitativamente, elas deslocam a pontuação, iluminam um aspecto. E obviamente, aqueles aspectos que pareciam que talvez mantivessem os programas obscurecidos, talvez um produtivismo exagerado ou artigos que não tenham qualidade e outras coisas, são arranjos que talvez não aparecessem.

**Tania:** como é que artigos que não tem qualidade vão estar no estrato A1, A2 e B1? me diga...

**Tania:** É difícilimo...quando você aprova um artigo numa revista A1, A2 e B1 do nosso antigo Qualis...

**Tiago:** Sim.

**Tania:** você já está fazendo um produto de qualidade

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Se você faz mais produtos ou menos produtos, é porque você foi incentivado a fazer aquilo,



**Tiago:** Uhum

**Tania:** É claro que houve um incentivo a hiperprodução.

**Tiago:** Sim, sim

**Tania:** porque a crítica é a seguinte: ao invés de você fazer um trabalho mais denso, você faz vários trabalhos, porque onde você vai publicar um trabalho mais denso de cinquenta páginas? em lugar nenhum ...

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Você publica trabalhos de dez páginas, doze páginas...

**Tiago:** quinze

**Tania:** No máximo!

**Tiago:** Sim

**Tania:** Em revistas internacionais, você publica cinco, seis páginas, sete páginas. Então tem que fazer síntese, cada vez mais objetiva, dos seus resultados, entendeu...

**Tiago:** Sim

**Tania:** E o quanto mais objetivas e mais sintéticas, maior o impacto elas vão ter

**Tiago:** Claro

**Tania:** E mais força internacional elas vão ter. Experimenta publicar no *Nature Education*, você não vai fazer um artigo de cinquenta páginas, a densidade de um artigo no *Nature Education*, significa cinco páginas de grande inovação, de grande mudança paradigmática.

**Tiago:** Sim

**Tania:** De comprovação de uma teoria que você conseguiu na prática, sei lá, na África do Sul, no interior do Paudalho, entendeu?

**Tiago:** Não, mas quando eu falo assim Tania, não é no sentido de que não tenha produção de qualidade, é que eu digo assim: quando se lança luz sobre um aspecto da ficha, você obscurece outros. Do modo que era feito antes, você focava na produção, mas, por exemplo agora, eu quero



saber da formação, então é nesse sentido. Então, pode continuar bom, da produção à distribuição. É como eu dizia, nós não podemos duvidar da idoneidade das revistas, ou de quem deu parecer em um livro.

**Tiago:** Mas o que eu quero dizer é o seguinte: ao lançar mais luzes, por exemplo, sobre a formação, alguns aspectos daquela produção, lá do Qualis, que podem ser avaliadas, serão obscurecidos no sentido da produção da nota do programa.

**Tania:** Aham, claro.

**Tiago:** E aí, quem não cuidava, por exemplo, da proposta...

**Tania:** da produção docente, discente

**Tiago:** da produção docente, discente, das parcerias que faz, etc, etc, esse vai ter um problema. É nesse sentido que eu digo e eu concordo com você, porque se você tem revistas indexadas em bases potentes, a tendência é que você tenha efetivamente bons artigos.

**Tania:** E sabe o que que vai acontecer à maioria dos programas da nossa Área que publicavam B2, B3 e B4, nas revistas disciplinares que nós antes vetávamos nos estratos A1, A2 e B1?

**Tiago:** Não, não sei

**Tania:** Sabe o que vai acontecer, eles vão ser bem qualificados porque eles estão sendo agora estratificados pelas áreas mães. Se eles forem de boa qualidade, eles vão ser A1. Nós seremos beneficiados pela produção específica, pela produção interdisciplinar que nós temos, pelo fato de um docente de ensino capaz de produzir em engenharia. Eu acho que o positivíssimo, um docente de ensino consiga produzir conhecimento de engenharia de alta qualidade, entendeu?

**Tiago:** Sim

**Tania:** Porque ele é docente de ensino para engenharia, ou que um docente de química consiga produzir o conhecimento de química de alta qualidade porque ele é docente química, então ele sabe o ensino de



química e, ele sabe a química que ele ensina, entendeu? Então essa ideia de que o ensino de, significa a junção do conteúdo com a mediação, a construção dos conteúdos, como ensinar esse conteúdo, isso é decisivo nesse processo.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** E quanto mais você tem essa pessoa que é interdisciplinar, fica mais forte o teu ensino interdisciplinar, entendeu? Você não fica falando de como é que tem que ensinar. Você sabe fazer, você sabe ensinar, você faz bem.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** você produz bem em revista de ensino, você produz bem em revistas de química ou de física

**Tiago:** ou de Matemática

**Tania:** ou de Matemática. Você produz bem nas duas ou você vai ser A1 nas duas, ou você vai ser A3 aqui, você vai estar no estrato A, entendeu?

**Tiago:** Sim...

**Tania:** Então, eu acho que a produção geral da Área vai elevar, geral da Área.

**Tiago:** Uhum

**Tania:** Eu acho que nesse sentido vai ser positivo

**Tiago:** Sim, com essas alterações e outros elementos.

**Tania:** Sabe por quê? Porque da nossa Área são mil e duzentas revistas, são mil e duzentas revistas, só quatrocentas são nossas.

**Tiago:** Uhum

**Tania:** Então você tem oitocentas revistas que estão sendo classificadas por outras Áreas. Atualmente, na Área de Ensino, essas oitocentas revistas mais disciplinares não estão classificadas em A1, A2 e B1, estão de B2 a B5. Elas são interdisciplinares ou disciplinares e elas evidenciam que nossos docentes, dos nossos programas, fazem também



produção de conhecimento disciplinar, da sua disciplina, ou conseguem publicar sobre ensino daquela disciplina nas próprias revistas disciplinares. Da disciplina, da sua origem de formação. A pessoa docente é físico, é engenheiro, é matemático, é biólogo, é químico e vem fazer ensino de química

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Entendeu?

**Tania:** E eu acho que isso é bom para caramba!

**Tiago:** Sim.

**Tania:** E isso nos diferencia da Área de Educação, quantos químicos, quantos biólogos, quantos engenheiros tem na Área da Educação? Muito poucos porque lá há uma tendência forte a exigir o doutorado em educação.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Era obrigatório que o docente da Área de Educação tivesse doutorado em Educação. Vem mudando um pouco, a depender do programa.

**Tiago:** Entendo...

**Tania:** Até um determinado momento, entendeu?

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** Era critério do credenciamento do docente, nos programas de Educação, ter doutorado em educação. Eu jamais seria docente do doutorado em Educação, meu doutorado é em biofísica.

**Tiago:** Uhum

**Tania:** Agora, meu doutorado em biofísica, me impede de fazer pesquisa em ensino? Se me impedisse eu não tinha produção em ensino, não é?

**Tiago:** Claro



**Tania:** Eu não faço ensino de física. Eu faço ensino de biofísica, biologia, física, bioquímica, saúde, parasitologia, aquilo que eu uso na minha pesquisa

**Tiago:** Claro.

**Tania:** Eu faço uma pesquisa interdisciplinar, atualmente eu faço pesquisa em tecnologia social, eu faço pesquisa em ciência e arte, eu faço pesquisa em “n” outras coisas, porque a carreira vai evoluindo e a gente vai mudando.

**Tiago:** Claro.

**Tiago:** Não, eu entendo perfeitamente. Ainda que haja esse receio, me parece que o grande problema não é na avaliação, Tania, das revistas ou da produção em si, mas desses outros dois elementos que a gente está chamando de mais qualitativos.

**Tania:** Exatamente, eu acho.

**Tiago:** Porque não é...

**Tania:** O nosso problema é, como é que a gente vai avaliar formação, como é que a gente vai avaliar fator de impacto

**Tiago:** Sim, esse me parece ser o grande problema mesmo.

**Tania:** E, nesse sentido, a ficha que nós aprovamos aqui hoje, é uma ficha enfim, que foi a possível. Não avançou muito em relação a anterior, e é uma ficha, como se diz, binária, sim, não, sim, não, sim, não. Então no final você vai ver quantos sim têm, quanto itens têm, você teve sete sim 70%, você teve oito sim 80%, teve dez sim, então vai ser quantitativo. Você teve dois sim, 20%, regular para você. Você teve dez sim, muito bom para você. Entendeu? Eu acho que no final vai ser um pouco assim.

**Tiago:** É...

**Tania:** Por isso que eu estou mais preocupada em montar o GT de métrica do que em botar mais indicador, já chega de indicador.



**Tiago:** Sim, sim.

**Tania:** Eu queria uma métrica melhor para gente avaliar.

**Tiago:** É, porque, uma discussão qualitativa não se constrói assim, de um dia para o outro, ela demanda mais; não que a quantitativa seja mais fácil ou se construa de um dia para o outro, mas dentro da tradição é mais rápido quantificar do que qualificar.

**Tania:** A ficha,...a ficha sempre vai ser quantitativa.

**Tiago:** Aham

**Tania:** Ela tem três quesitos, e ela tem vários itens, você vai ter uma, um, um conceito naquilo, vai ser fraco, regular como que é... insuficiente.

**Tiago:** insuficiente.

**Tania:** Insuficiente, fraco, regular, bom.

**Tiago:** Insuficiente, fraco, regular, bom e muito bom.

**Tania:** Você vai ter uma escala de Likert para cada item.

**Tiago:** Sim, do mesmo modo.

**Tania:** E você vai ter que dizer como é que eu sei que é insuficiente e como é que eu sei que é muito bom

**Tiago:** Pela quantidade de indicadores sim e não (risos).

**Tania:** Pela quantidade, não é pela qualidade

**Tiago:** Sim

**Tania:** Agora, o teu indicador foi qualitativo, que você teve que dizer sim ou não, entendeu?

**Tiago:** Uhum

**Tania:** O indicador foi qualitativo, mas a forma de avaliar o indicador é pelo menos semi-quantitativa. Isso vai acontecer.

**Tiago:** Sempre!

**Tania:** Enquanto, enquanto, não tiver...entendeu?

**Tiago:** Entendi.



**Tania:** Enquanto a avaliação não virar uma única pergunta, que você puder responder. Eu não sei, qual é o sistema de avaliação qualitativa que pode substituir isso. Eu acho que não existe.

**Tiago:** Até porquê...

**Tania:** É extremamente complexo.

**Tiago:** É que há...

**Tania:** Eu gosto dessa ideia do multidimensional.

**Tiago:** Que é, na verdade, também um polígono e quantificação.

**Tania:** De quantificação

**Tiago:** Você viu lá, salvo melhor juízo acho que é um?

**Tania:** é um polígono de?

**Tiago:** É um pentágono

**Tania:** É um pentágono de quantificação.

**Tiago:** Exatamente. Que é muito usado no campo da saúde para aferir né...

**Tania:** Em muitos campos, se faz uma “escalinha” de cinco, cinco, cinco, cinco, cinco,... um pentágono.

**Tiago:** Regular.

**Tania:** É!

**Tiago:** E aí, em cada uma daquelas dimensões ali você faz uma escala *likert*

**Tania:** Só que você pode fazer uma nota final ou não.

**Tiago:** Certo, conforme...

**Tania:** Você pode assumir, que você pode ter até dois, dois vermelhos, três verdes, você pode funcionar.

**Tiago:** Exato.

**Tania:** Ou com dois verdes você pode funcionar.





**Tiago:** É algum que seja central e que você não possa nunca deixar de ter no mínimo regular... é....eu acho que a gente vai caminhar para isso mesmo.

**Tania:** É

**Tiago:** Tânia, teria mais alguma coisa que você gostaria de pontuar, falar além dessas perguntas.

**Tania:** Eu acho que você é da área de pesquisa qualitativa e essa é uma revista de pesquisa qualitativa, né.

**Tiago:** É, de certo modo sim.

**Tania:** Eu acho que seria interessante se o campo da pesquisa qualitativa pudesse contribuir para a discussão de avaliação e sistemas complexos.

**Tiago:** Uhum...

**Tania:** E de sistemas de informação. Como é que se faz avaliação qualitativa do processo de formação ...no nível de um país?.

**Tiago:** Sim

**Tânia:** Onde se já foi feito, que experiências existem desse tipo?

**Tiago:** É um desafio!

**Tania:** Eu não sei.

**Tiago:** Eu também não sei.

**Tania:** Eu não conheço.

**Tiago:** Eu também não conheço. Porque eu acho que você consegue fazer avaliação qualitativa, necessariamente, de pequena dimensão, porque ela é qualitativa, você não faz um recorte de amostra, você pinça histórias, você pinça situações que façam emergir elementos relevantes.

**Tania:** Que aí não vai ser relevante para aquela pessoa, para aquele caso, mas vai ser relevante para uma situação, o que você vai extrapolar é o elemento que você pinçou, não é o caso...

**Tiago:** Entendo...



**Tania:** Caso, não se replica, ele não é representativo de um caso, não é representativo de outros casos, mas o que você tira daquele caso é um elemento importante que pode estar presente em vários casos. Eu pelo menos vejo um pouco assim a contribuição do qualitativo. Agora eu acho que isso não viabiliza um processo de avaliação. Não sei, eu não tenho acúmulo na pesquisa qualitativa para responder isso.

**Tiago:** É...É uma questão importante a ser enfrentada.

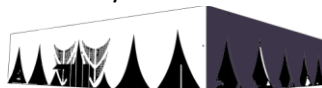
**Tânia:** Eu gostaria muito de conversar com os pesquisadores da área qualitativa para me responderem isso.

**Tiago:** Então, Tânia, uma coisa que eu penso é... que não é uma questão de partir qualitativo ou quantitativo, mas é olhar para o objeto de tal maneira que eu possa saber o que o que é, o que dele é efetivamente quantificável e o que dele é, vou usar uma expressão aqui que não é comum, qualificável, no sentido da própria qualidade e da expressão daquele objeto. É, porque, a quantificação também pode ser entendida como uma expressão da qualidade, então o que acontece muitas vezes com o quantitativo, é que ele obscurece os aspectos qualitativos e ele perde a referência.

**Tânia:** Isso é verdade.

**Tiago:** Quantificar não é um problema, me parece, e parece que o verdadeiro problema surge quando eu apenas quantifico, de modo que eu perco a referência daquilo que gerou aquela quantificação, no caso, os aspectos qualitativos, que permitem essa quantificação. Olha, mas a conversa foi muito boa, aprendi muito. E sem dúvida foi uma palestra sobre histórico, sobre os desafios que nós temos na Área. Eu agradeço imensamente a tua disponibilidade, a tua disposição, mesmo aí com cansaço.

**Tania:** Foi muito agradável fazer a entrevista.



**Tiago:** E agradeço, então, formalmente, a parceria e fico à disposição para qualquer esclarecimento.

**Tania:** Eu que agradeço o convite. Foi um exercício para o qual eu não tinha parado para pensar.

**Tiago:** (risos)

**Tania:** Me pegou assim, totalmente na surpresa, pode ser que se eu parar para ler e para pensar eu mude alguma coisa, não sei. Não sei, na verdade foi uma reflexão livre, então...

**Tiago:** Sim, e a gente vai trabalhar nisso então.

**Tania:** Eu não acredito, porque eu acho que te falei francamente coisas que eu vivenciei.

**Tiago:** É, e aqui me pareceu uma fala muito autêntica mesmo, se você concordar. É claro que a gente vai fazer algum ajuste aí, em termos de linguagem. Claro, a gente às vezes vai falar uma coisa e fala outra. Limpar talvez aquelas sobras do pensamento inacabado. Mas me parece uma fala muito autêntica e que merece registro.

**Tania:** Muito obrigada!

